

Expodireto2025

segunda-feira, 17 de março de 2025 | Caderno especial do Jornal do Comércio



Conhecimento que
movimenta o agro.



CRÉDITO
PARA INOVAR
E DESENVOLVER.



expodireto
COTRIJAL



CONEXÕES QUE TRANSFORMAM O AGRO

TÂNIA MEINERZ/JC



Expodireto encerra com apelo por mais prazo para quitação de dívidas

BALANÇO

Apesar das dificuldades, Expodireto aposta no agro

Em meio a desafios do setor, organização anuncia expansão de 40% do espaço da feira no setor de máquinas

Bárbara Lima, de Não-Me-Toque
barbaral@jcrs.com.br

Com bom movimento de público, especialmente por conta da audiência pública do Senado Federal sobre a securitização das dívidas dos produtores gaúchos que ocorreu no auditório central do parque, a Expodireto Cotrijal encerrou na sexta-feira em Não-Me-Toque da mesma forma que começou: cobrando medidas para impulsionar o setor que sofre com consecutivas secas. Apesar do cenário desafiador, a organização confirmou a expansão da área do parque em 40% para o setor de máquinas e um investimento de aproximadamente R\$ 15 milhões.

“A feira foi positiva, todo o planejamento foi concluído, os negócios fluíram naturalmente, mas o mais importante foi a troca de conhecimento e as tecnologias apresentadas. Sobre a expansão, vai ser ótimo porque vamos dar oportunidade para diversas empresas que estão aguardando para participar”, avaliou o presidente da Cotrijal, Nei Manica.

Este ano, a feira optou por não divulgar os números de negócios fechados, argumentando que os números são, muitas vezes, imprecisos e que geram concorrência entre eventos. No entanto, expositores ouvidos pela reportagem relataram que, em muitos casos, as vendas foram mais baixas do que o habitual, reflexo da redução no poder aquisi-



Sem divulgar números de vendas neste ano, para não gerar concorrência entre feiras, Nei Manica anunciou que o parque receberá investimentos de R\$ 15 milhões

tivo dos clientes. O vice-presidente da Cotrijal, Ênio Schroeder, avaliou que o movimento na feira foi bom, embora inferior ao do ano passado nos primeiros dias, aumentando progressivamente ao longo da semana. “Percebemos que os expositores estão satisfeitos, foram procurados. É uma feira que traz muita informação”, ponderou.

A ausência de representantes do governo federal também marcou o evento e foi muito questionada durante os dias. “Todos os anos o governo esteve presente, mas desta vez o ministro faltou. Não sei que sinal é

esse, o agro é aqui. Esta é uma das feiras mais organizadas do mundo, lamentamos a ausência. O Rio Grande do Sul passa por um momento difícil que precisa ser resolvido, por isso precisamos da securitização”, comentou o vice-presidente. “A razão da feira é o agricultor. Se ele vai mal, isso se reflete no evento”, acrescentou.

A Indutar, de máquinas agrícolas, destacou que, apesar das dificuldades, a feira manteve seu papel estratégico. “Aumentamos nosso estande este ano. É uma feira muito organizada e valoriza o agro, com

a presença de muitas lideranças. Consideramos um dos eventos mais importantes do ano. Estaremos aqui no próximo ano e esperamos um volume ainda maior de vendas. Mas estamos felizes em fortalecer nossa marca e encontrar nossos clientes”, projetou o diretor de comunicação da empresa, Gustavo Stolte.

Ao todo, a 25ª Expodireto Cotrijal contou com 610 expositores em 131 hectares. Representantes e delegações de mais de 80 países participaram das atividades da feira. No Pavilhão da Agricultura Familiar, foram 222 expositores, enquanto a Arena

Agrodigital contou com mais de 30 startups, empresas e hubs de inovação. O que confirma a relevância da feira, que se consolida como uma das maiores feiras do agronegócio da América Latina.

Entre os destaques da edição deste ano, está o grande público presente em fóruns, painéis e debates promovidos ao longo da semana pela Cotrijal e por inúmeros parceiros. Os eventos abordaram os desafios e oportunidades para os diferentes setores do agronegócio, além das tecnologias que devem transformar a produção.

Badesul e BRDE captam R\$ 939 milhões em negócios, crescimento de 3,3% sobre a edição passada

O Badesul e o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) registraram R\$ 939 milhões em propostas de financiamento durante a Expodireto Cotrijal 2025, encerrada na sexta-feira, em Não-Me-Toque. O resultado é 3,3% superior aos R\$ 908,7 milhões registrados durante a edição anterior da feira de tecnologia e negócios.

Somente o Badesul colheu R\$ 660,3 milhões em pedidos de crédito no evento. O volume expressivo de solicitações foi impulsionado, principalmente, por projetos voltados à irrigação, armazenagem e correção do solo, reafirmando o compromisso da instituição com o fortalecimento do setor agronegócio.

A demanda por projetos de armazenagem, incluindo construção e ampliação de estruturas, somou R\$ 115,9 milhões em protocolos de crédito. Já os investimentos em correção de solo e sistemas de irrigação totalizaram R\$ 76 milhões e R\$ 74 milhões, respectivamente.

“A procura por sistemas que garantem o fornecimento eficiente de água para as lavouras segue alta”, ressaltou o vice-presidente do Badesul, Flavio Lammel, lembrando que o Badesul é referência nacional no financiamento para irrigação.

Além das solicitações para aquisição de maquinários e melhorias na infraestrutura rural, o setor empresarial protocolou R\$ 342,7 mi-

lhões em pedidos de crédito para investimentos em infraestrutura, inovação e tecnologia.

Já o BRDE alcançou R\$ 278,7 milhões em novos financiamentos e pedidos encaminhados. Mesmo diante do cenário de perdas na safra de grãos, o volume de negócios na feira supera em 8,2% o montante alcançado no ano passado.

A necessidade de crédito emergencial para capital de giro representou a maior demanda. Ao todo, o BRDE celebrou R\$ 70 milhões em operações para atenuar os impactos dos últimos eventos climáticos sobre a produção. É o caso da Cotrijal, a maior cooperativa agroindustrial do Estado e organizadora da fei-

ra, que buscou junto ao BRDE uma linha no valor de R\$ 50 milhões. A Cotrijal ainda firmou outra operação de R\$ 22 milhões para ampliação e modernização de seis unidades de recebimento de grãos.

“Mesmo com todos os desafios que o clima nos impõe, representa uma demonstração de confiança do setor. Apesar das recentes elevações da taxa Selic, o que restringe o acesso ao crédito, percebemos também uma demanda por investimentos voltados aos ganhos de produtividade no campo, o que é estratégico para a nossa economia”, frisou o diretor-presidente do BRDE, Ranolfo Vieira Júnior.

Os projetos para construção de

silos e unidades de recebimento de grãos representou o segundo segmento mais demandado, com R\$ 62,7 milhões. Linhas para aquisição de máquinas e equipamentos somaram R\$ 55,5 milhões em propostas recebidas pelo banco.

A demanda para projetos de inovação chegou a R\$ 38,7 milhões, em especial para desenvolvimento de novos produtos e modernização dos processos industriais (Indústria 4.0). Já os novos financiamentos para construção e ampliação de unidades industriais somaram R\$ 32 milhões. Os projetos de geração de energia com fontes renováveis totalizaram R\$ 19,9 milhões em demanda.

Expediente

Editor-chefe: Guilherme Kolling ■ Editor-executivo: Mauro Belo Schneider ■ Editora de Economia: Fernanda Crancio ■ Reportagem: Bárbara Lima e Claudio Medaglia ■ Diagramação: Luis Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Müller

CRÉDITO AGRÍCOLA

Gaúchos pressionam Congresso pela securitização das dívidas

Senador Luis Carlos Heinze disse, em evento na Expodireto Cotrijal, que 'governos não agem, mas reagem a pressões'

Cláudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Grandes, médios e pequenos produtores rurais gaúchos deram prazo até 1º de maio para que o Congresso Nacional aprove os projetos de lei que tramitam nas duas casas legislativas tratando da securitização das dívidas do setor. E prometem ir às ruas caso a demanda não seja atendida. O aviso foi dado na sexta-feira, durante o Ciclo de Palestras e Debates do Senado Federal, realizado na Expodireto Cotrijal.

Em resumo, o agronegócio jogou o problema no colo dos parlamentares, sem esquecer que, se o governo federal vetar os textos, passará a ser o alvo principal. Articulador do encontro, o senador gaúcho Luis Carlos Heinze (PP), autor do PL 320/2025, abriu a sessão pedindo um tom conciliador em relação à classe política e a União, em busca de solução definitiva para o endividamento. Mas reconheceu: "governos não agem, reagem à pressão. Os produtores têm contas vencendo e precisamos de um prazo até a aprovação do PL", afirmou o senador.

A produtora rural Luciane Agazzi, de Candiota, endossou a cobrança e deixou um aviso: "temos as maiores máquinas e, se necessário, ocuparemos as ruas. Até 1º de maio, esperamos a aprovação do PL do Heinze", afirmou. O cenário da crise foi desenhado em uma breve apresentação feita pelo economista-chefe da Farsul, Antonio da Luz. Ele mostrou que, desde 2020, 40,6 milhões de toneladas



Audiência pública do Senado lotou e muitos tiveram que acompanhar por telões

de grãos foram perdidas no Estado por conta de eventos climáticos extremos.

"Isso é mais que uma safra inteira, totalizando R\$ 117 bilhões, em números atualizados. Somente com a soja, foram mais de 10 milhões de toneladas perdidas. A economia do RS deixou de gerar R\$ 319,2 bilhões em termos de PIB, o que equivale a 49% do PIB de 2023. E nem estamos falando das perdas na atual safra, que já estão acontecendo e devem chegar a pelo menos 9,3 milhões de toneladas", descreveu da Luz.

Durante o evento, um documento de apoio à proposta recebeu diversas assinaturas. Heinze reforçou a necessidade de pressão sobre o governo para garantir uma resolução que prorrogue o pagamento das dívidas do setor pelos próximos meses. Assim como ele, o deputado federal Pedro Westphalen, do mesmo partido, é autor do PL 341/2025 na Câmara dos Deputados. E renovou a ideia de superar diferenças ideológicas e construir uma base de sustentação para um "projeto robusto", referindo-se ao esforço de mobilização.

Com o auditório lotado, uma multidão se aglomerou na área externa para acompanhar o evento por telões. "Esse é um movimento apertado que fazemos. Porque se o produtor rural vai mal, o País também vai. Em cinco anos enfrentamos três secas, duas enchentes e agora, outra estiagem. E a dívida do produtor está nos bancos, no crédito livre, nas cerealistas, nas cooperativas e nas indústrias. Fala-se em uma grande safra nacional. Mas no RS a situação é bem diferente", disse o presidente da Cotrijal, Nei César Manica.

O deputado federal gaúcho Heitor Schuch (PSB), presidente da Frente Parlamentar da Agricultura Familiar, e o presidente da Fetag-RS, Carlos Joel da Silva, enfatizaram a importância da securitização, mas ressaltaram que é preciso também rever a questão do Proagro e do seguro rural. Ao final, uma carta assinada por parlamentares, pelo vice-governador Gabriel Souza e representantes de entidades do agro foi consolidada. O documento será encaminhado aos ministérios da Fazenda, Agricultura e Desenvolvimento Rural e Reforma Agrária.

AGROINDÚSTRIA

Agricultura Familiar reúne negócios liderados por mulheres

Bárbara Lima, de Não-Me-Toque
barbaral@jcrs.com.br

O Pavilhão da Agricultura Familiar foi uma experiência de gostos, cheiros e texturas. Com 222 expositores e 190 estandes, foi lá também que rostos femininos se destacaram. De criadoras de plantas a enólogas, elas apresentaram seus produtos feitos em todos os cantos do Rio Grande do Sul.

Alice Rambo veio de Mormaço acompanhada da filha para vender plantas como jiboia, suculentas e comigo-ninguém-pode. O empreendimento, que iniciou por vontade dela, conta com duas estufas na propriedade. "A expectativa é sempre bastante pública, aqui foi muito bom", contou. Ela explica que, para cada feira, é preciso trazer novidades, diversificando as espécies de plantas. "Hoje, o pessoal busca muita suculenta, flor de cera e samambaia", disse.

A produtora contou ainda que a seca que atinge o Estado afetou os negócios porque os clientes deixaram de comprar, não pela produção, que é resistente, mas pelo impacto econômico. "Por isso é bom vir às feiras", considerou. Ela divide os cuidados com as plantas durante a noite e

vende durante o dia na propriedade. Diferentemente de Alice, Gleika Borges, de Sarandi, carrega gerações no estande de erva-mate. "Meus avós paternos e maternos eram ervateiros, meus pais são ervateiros e eu cresci nesse meio. Participar da feira é muito bom para os negócios, conseguimos tornar o nome da marca mais reconhecido", contou.

Gleika afirma que a família tem erva própria, mas também faz parcerias para dar conta da produção. "Temos a edição tradicional e a com açúcar, mais grossa e mais fina, para todos os gostos". A enóloga Alana Foresti também toca o negócio da família, que iniciou em 1946 com seus bisavós em Pinto Bandeira, na Serra Gaúcha. "Meu pai faleceu no ano passado e agora eu e minha mãe estamos produzindo os vinhos. Minha mãe cultiva as uvas e eu faço os vinhos", disse. Tudo é feito na propriedade, capaz de produzir 30 mil garrafas por ano e 18 rótulos. Inclusive, os produtos são premiados em feiras regionais e nacionais. "Enviamos para outros estados, mas nosso mercado principal é o gaúcho. E as feiras valorizam nosso trabalho, divulgam a agricultura familiar e a nossa cultura", acrescentou.



Mais uma vez, pavilhão dos pequenos produtores foi destaque na feira

A força do Agro nasce da nossa parceria.

Expodireto Cotrijal 2025
10 A 14 DE MARÇO
Não-Me-Toque/RS

MEU AGRO É BRDE

brde.com.br

BRDE

REGISTROS DA EXPODIRETO



TÂNIA MEINERZ/JC

Arena Agrodigital levou centenas de jovens à palestra sobre a importância da sucessão rural



TÂNIA MEINERZ/JC

Vedetes da feira, máquinas agrícolas a cada ano surgem mais potentes e com mais tecnologia embarcada



TÂNIA MEINERZ/JC

Famílias incentivaram o despertar dos pequenos sobre a importância do agronegócio



TÂNIA MEINERZ /JC

Capricho do parque foi convite para uma pausa entre uma atividade e outra



TÂNIA MEINERZ/JC

Tradicionais fóruns de debates sobre cadeias produtivas reuniram público fiel



TÂNIA MEINERZ/JC

Expodireto Cotrijal também é espaço para a tecnologia da produção leiteira, uma das principais atividades da pecuária gaúcha

ARENA AGRODIGITAL

IA e irrigação dominam 5ª edição da Arena Agrodigital

Palestras atraíram grande público durante a realização da feira

Bárbara Lima, de Não-Me-Toque
barbaral@jcrs.com.br

Durante cinco dias, a Arena Agrodigital da 25ª Expodireto Cotrijal foi palco de debates sobre inteligência artificial, irrigação, fazendas inteligentes, agricultura de precisão, inovação, produtividade, empreendedorismo, startups e sucessão familiar. As discussões mobilizaram o público e transformaram a feira em um verdadeiro caldeirão de novas ideias, que em breve poderão ser aplicadas no campo e na rotina dos novos produtores.

Esta é a quinta edição do espaço. Segundo Jonas Algeri, head de inovação da Cotrijal e responsável pela organização da Arena, o local se consolida como um dos mais relevantes da feira.

“É fundamental impulsionar tecnologia e inovação. Neste quinto ano, com temas alinhados



Após cinco edições, Arena Agrodigital se consolida como um dos espaços mais disputados da Expodireto Cotrijal

às necessidades dos produtores, evoluímos e abordamos assuntos atualizados, como inteligência artificial e irrigação, considerando as

mudanças climáticas”, afirma.

Em um ano marcado pela estiagem e seus impactos nas lavouras, um dos principais focos das 12

startups que integram o espaço ao redor do palco da Cotrijal são as soluções de irrigação. “Essas empresas estão trazendo modelos

tradicionais, mas com inovações, informações inéditas sobre economia de água, controle e uso sustentável das tecnologias”, explica Algeri.

Além disso, ele destacou a curadoria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que selecionou startups com soluções relevantes para os agricultores. “Muitas vezes, essas empresas não conseguem acesso à feira, então, essa é uma grande oportunidade para atração de investimentos”, acrescenta.

Ao longo da Expodireto, Algeri se diz “extremamente satisfeito” com o movimento na Arena. “O palco teve uma programação robusta, com conteúdos relevantes para que o produtor saia informado e qualificado”, destaca.

Para ele, esse é um excelente caminho para engajar os jovens no agronegócio. “Isso faz com que queiram permanecer no campo, utilizando tecnologia na propriedade, acessando aplicativos que atendem às demandas atuais”, conclui.

INTERNACIONAL

Estrangeiros de 80 países fecham negócios em Não-Me-Toque e ajudam a internacionalizar a Expodireto

O Pavilhão Internacional teve grande movimentação de delegações estrangeiras durante a 25ª Expodireto. Nos cinco dias de evento, mais de 80 países estiveram representados.

Um dos destaques foi a inauguração do escritório gaúcho da Câmara de Indústria e Comércio Indo-Brasileira, que busca ampliar as relações comerciais entre o Rio Grande do Sul e a Índia. “Das oito empresas brasileiras presentes no país, seis são gaúchas”, afirmou Paulo Azevedo, CEO da Câmara no Brasil. O escritório ficará sediado no bairro Auxiliadora, em Porto Alegre.

O foco inicial será expandir as exportações de cítricos, couro e outros produtos do agronegócio. “As oportunidades são inúmeras”, destacou Paulo Mazzardo, presidente do escritório no Rio Grande do Sul, ao enumerar as frentes de trabalho. Segundo Azevedo, o feijão pode seguir o caminho da soja e se tornar um dos principais produtos exportados do Brasil para a Índia. A ideia também é incentivar que empresas indianas invistam no Estado, afinal, cresce o interesse delas pelo mercado brasileiro nos setores de biogás e metano.

O indiano Sachin Jadhav, representante da Câmara em Mumbai, ressaltou o alto nível tecnológico das máquinas agrícolas brasileiras. “Na Índia, temos uma abordagem diferente na agricultura. Compartilhar boas práticas pode aprimorar a produção e a vida no campo”, comentou.

O estande alemão de facas de alta performance MWS trouxe pela primeira vez ao Brasil o gerente comercial Eduard Schweikert. “Fabricamos facas de alto desempenho para maquinários agrícolas. Nossa primeira experiência na feira foi excelente,

conhecemos muitas pessoas e entendemos melhor a realidade das fazendas brasileiras. Agora, vamos definir estratégias para investir no mercado brasileiro”, afirmou.

A edição também contou com a maior delegação polonesa já presente na feira. O grupo, que começou com dois representantes, agora reúne oito empresas sob a Primus Holding. “A Expodireto é muito voltada para negócios e conhecimento. Na Europa, muitas feiras acabam tendo um foco mais turístico”, disse Marcin Leszek Obalek, diretor de operações

da empresa de máquinas CynkoMet, que destacou o interesse da empresa no acordo entre Brasil e Mercosul. “Isso abre novas portas, pois não queremos apenas vender; a Polônia também importa muitos alimentos do Brasil.”

Neuri Bertinato, presidente da Liugong no Brasil, participou pela segunda vez da Expodireto, mas, desta vez, como expositor. “Na primeira vez tivemos apenas o escritório. Agora trouxemos as máquinas. O público foi muito receptivo e tivemos ótimas vendas”, comemorou.

Quem trabalha na indústria, comércio ou serviços, ou ainda preparando aquele cafezinho com leite, também faz parte do ciclo do agro.

É por isso que o Senar existe, para apoiar o agronegócio com Assistência Técnica e Gerencial, Formação Profissional Rural e Promoção Social às famílias rurais, contribuindo para sustentar toda a cadeia produtiva.

Porque quando o agro vai bem, a vida anda melhor.

[senar_rs](#)
[senar_rs](#)
[senar-rs.com.br](#)
[senarriograndedosul](#)

TECNOLOGIA

Embrapa e marcas buscam soluções para driblar estiagem e efeitos do clima

Cooperação tem gerado resultados em diversas frentes

Bárbara Lima, de Não-Me-Toque
barbaral@jcrs.com.br

A 25ª edição da Expodireto Cotrijal foi marcada por cobranças de medidas que ajudem os produtores a lidar com mais uma seca consecutiva no Estado. A estiagem prejudicou especialmente a produção de soja, que deve registrar uma quebra de 17,4% em relação à safra anterior. Diante desse cenário, a cooperação entre a Embrapa e empresas do setor tem apresentado resultados em diversas frentes, como genética, insumos e maquinário agrícola.

Uma dessas soluções é o bioinsumo Auras, fruto de 15 anos de pesquisa da Embrapa Meio Ambiente em parceria com a empresa NOOA Ciência e Tecnologia Agrícola. O produto foi inspirado no mandacaru, planta nativa do semiárido brasileiro, conhecida por sua resistência a períodos prolongados de seca. “Ficamos analisando como ele conseguiu permanecer verde

por tanto tempo sem chuva. Descobrimos, então, uma rizobactéria que estimula o crescimento do sistema radicular, permitindo maior captação de água e reduzindo a perda hídrica da planta”, explicou Aníbal Eduardo Vieira Santos, da área de Transferência de Tecnologia da Embrapa.

A bactéria utilizada, *Bacillus aryabhattai* (cepa CMAA 1363), pode ser aplicada em lavouras de milho, soja, pastagens e algodão. Segundo os pesquisadores que desenvolveram o bioinsumo, o tratamento permite que as plantas mantenham produtividade mesmo sob estresse hídrico de 15 a 20 dias. “A cultura pode resistir por mais tempo, mas, para garantir produtividade, consideramos esse período”, explicou Wagner Morilha, gerente comercial da unidade de negócios da NOOA no Brasil.

Durante a Expodireto, a NOOA destacou o potencial do mercado gaúcho para expansão da tecnologia. “Estamos avançando com cooperativas e revendedores para ampliar a adoção do bioinsumo”, afirmou Morilha, garantindo que o produto pode ser utilizado em grande escala.



Falta de chuvas, mais uma vez, atinge em cheio a lavoura de soja no RS; safra deve cair 17,4% em relação ao ano anterior



Aura é um bioinsumo que permite que plantas mantenham produtividade mesmo diante do estresse hídrico, explica Santos

Melhoramento genético aumenta resistência à seca

Estratégia desenvolvida pela Embrapa, o melhoramento genético tradicional das sementes, que possibilita o desenvolvimento de raízes mais profundas, torna as plantas mais resistentes à estiagem. Cada nova semente, aprimorada por meio do cruzamento convencional das variedades mais adaptadas, leva cerca de sete anos de pesquisa e pode proporcionar uma semana extra de tolerância à seca.

No entanto, Giovani Stefani Faé, chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Trigo, alerta que apenas o melhoramento genético não é suficiente. “O manejo do solo é fundamental. Não basta cultivar uma variedade mais tolerante ou apenas investir em irrigação. O solo possui processos químicos e físicos que precisam ser trabalhados para garantir

um sistema produtivo sustentável”, explicou.

Pensando nisso, a Yara Fertilizantes apresentou na feira a linha Yara Amplix, que utiliza matriz orgânica para aumentar a resistência das plantas ao estresse abiótico, como seca, frio excessivo e chuvas intensas. Segundo a empresa, o fertilizante N-RHIZO, testado para soja, demonstrou um aumento médio de 3,3 sacas por hectare na produtividade. “De 100 testes realizados nas lavouras, 90 registraram resultado positivo”, disse o diretor comercial da Yara Fertilizantes para a Região Sul, Márcio Wally. Além disso, em parceria com a Embrapa, a Yara está investindo R\$ 450 milhões no programa Recupera Rural RS, voltado à recuperação de áreas inundadas que perderam capacidade produtiva devido a enchentes.



Faé vê manejo do solo como prática indispensável

Tecnologia nacional atua na medição da permeabilidade do solo

No campo dos equipamentos, uma nova tecnologia promete otimizar a análise de parâmetros físicos do solo, impactando tanto a produção rural quanto à infraestrutura urbana. Trata-se do SoloFlux, o primeiro permeâmetro digital automatizado desenvolvido no Brasil, capaz de medir a permeabilidade ou condutividade hidráulica do solo saturado.

A medição da permeabilidade da água no solo é essencial para avaliar a drenagem e a redistribuição da umidade, além de ser importante para o manejo da irrigação e o planejamento de obras hidráulicas. As informações influenciam em projetos como canais, recarga de aquíferos, áreas de risco de contaminação por agrotóxicos e até mesmo a seleção de locais para aterros sanitários e cemitérios.

O SoloFlux automatiza a captura, transmissão e leitura de dados, registrando os fluxos de água ao longo do tempo e permitindo cálculos precisos da condutividade hidráulica saturada do solo. Os dados são transmitidos via aplicativo e armazenados na nuvem, com comunicação via USB e Bluetooth.

“O equipamento tem um custo mais acessível e otimiza o trabalho no campo. Antes, o operador precisava monitorar manualmente a medição, o que demandava atenção exclusiva. Agora, com a automatização, ele pode se dedicar a outras atividades”, destacou Wenceslau Teixeira, pesquisador da Embrapa Solos e integrante do projeto. O equipamento é resultado de uma parceria entre a Embrapa Solos (RJ), o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e a Falker Automação Agrícola, de Porto Alegre.

CLIMA

Produtores rurais procuram formas para mitigar os desafios climáticos

Perdas no cultivo de verão vão aumentar ainda mais os prejuízos por conta da quebra de 20,1% na produção de grãos

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Desde a safra 2019/2020, eventos climáticos extremos já causaram quase R\$ 117 bilhões em perdas na agropecuária gaúcha. Foram 40,6 milhões de toneladas de grãos não colhidos, conforme a Federação da Agricultura do RS (Farsul). Diante da sucessão desse cenário, a busca de medidas de enfrentamento, que já está na pauta do Estado há décadas, voltou a ganhar força e está no centro dos debates nos principais fóruns de discussão e eventos do setor.

As perdas no atual cultivo de verão, irão aumentar ainda mais os prejuízos nos campos do RS por conta da quebra de 20,1% na produção de grãos, especialmente na cultura da soja, com quase 10 milhões de toneladas perdidas em decorrência da estiagem, segundo a Rede Técnica Cooperativa (RTC), disse o economista-chefe da Farsul, Antônio da Luz, na Expodireto Cotrijal.

Não por acaso, o governo do Estado vem trabalhando para destri-

var e impulsionar investimentos na implementação de estruturas para captação e retenção da água das chuvas - abundantes no outono e no inverno - para irrigação nos períodos de escassez hídrica.

Conforme o secretário estadual de Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação, Clair Kuhn, apenas 4% das áreas agrícolas de sequeiro são cobertas por sistemas de irrigação no Estado.

“A irrigação é uma das grandes alternativas para alcançarmos resiliência climática. É o carro-chefe da Secretaria e uma das ferramentas a médio e longo prazo, pois nos dá garantia de produtividade depois de implantada”. Ele aponta que a produção de milho, por exemplo, fundamental na suplementação animal e cuja demanda gaúcha acaba sendo atendida com produto de outras regiões, poderia passar de 130 sacas de 60 quilos por hectare para até 250 sacas com o auxílio de sistemas irrigados.

Para isso, o Programa de Irrigação do governo do RS, lançado em 2023, é considerado fundamental e visa a implementação de 100 mil hectares até 2028, o que representaria um crescimento de 33%. Na segunda fase, em fevereiro de 2024, o governo anunciou a destinação de R\$ 213,2 milhões para subvencionar até 20% do valor orçado nos projetos de irriga-



Atualmente, áreas de lavouras de sequeiro com sistema de irrigação representam apenas 4% no Rio Grande do Sul

ção, limitados a R\$ 100 mil por beneficiário. De acordo com o Palácio Piratini, pelo menos 720 projetos já foram recebidos nas duas etapas, para 9,6 mil hectares irrigados em 173 municípios. O investimento privado estimado chega a R\$ 197 milhões.

Paralelamente, o governador Eduardo Leite anunciou na abertura da Expodireto Cotrijal, decretos que irão agilizar e desburocratizar a outorga de uso d'água. Ele também mencionou instrução normativa que deverá ser publicada pela Secretaria do Meio Ambiente, tratando da possibilidade de intervenção em Áreas de Preservação Permanente (APPs), tema contemplado em projeto aprovado pela Assembleia Legislativa e sancionado no ano passado.

Outra ação que deverá ser lançada em 2025 é um programa de melhoramento de solos, ressalta o secretário Clair Kuhn. A iniciativa, reunindo pesquisadores de universidades, da Embrapa e da Emater-RS, visa

a ampliar o impacto positivo de ações agronômicas que potencializam o cultivo agrícola e a proteção ambiental.

A eletrificação rural é mais um tema que ganha força como instrumento para impulsionar ações de enfrentamento às mudanças do clima sobre o agronegócio. Com cerca de 60% das redes de transmissão ainda monofásicas, produtores encontram dificuldades para fazer uso de motores mais potentes, resfriadores, ordenhadeiras, aparelhos de ar-condicionado e até mesmo para puxar a água dos reservatórios para irrigação nas lavouras, por exemplo.

Uma medida em prática é a parceria entre o governo do Estado e cooperativas de energia para fazer o upgrade das redes e melhorar a capacidade elétrica nas propriedades. “Sem energia de qualidade, como o produtor vai movimentar a água em tempos de estiagem, por exemplo? Para ampliar o atendimento a essas demandas, estamos buscando junto à União fi-

nanciamentos com juros compatíveis com a atividade, e não a custo de mercado. E defendemos a medida porque o retorno é grande, com maior produtividade, fixação do homem no campo, arrecadação de impostos, geração de emprego e renda”, observa o superintendente da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs), José Zordan.

Enquanto isso, o Programa Energia Forte no Campo, iniciado em outubro de 2020, já permitiu a implantação de 972 quilômetros de linhas de transmissão trifásicas por 123 municípios gaúchos ao longo das três primeiras fases, já concluídas, e da quarta etapa, em implantação. Conforme a Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura, investimento já chega a R\$ 102,1 milhões da iniciativa privada, com contrapartida de R\$ 19,9 milhões do Executivo estadual. O governo já trabalha no edital da 5ª fase.

Conselheira do V20 propõe abordagem múltipla para resiliência climática

A aposta em sistemas de irrigação eficientes, em cuidados com o solo e também no desenvolvimento de sementes resistentes à estiagem é defendida pela economista de origem filipina e bangladeshiana Sara Jane Ahmed. Ela foi uma das painelistas do Seminário Científico “RS Resiliência & Sustentabilidade”, realizado na sexta-feira, no Salão de Atos da Ufrgs. Sara é assessora do Grupo dos Ministros das Finanças do V20 - iniciativa de cooperação criada em 2015 reunindo 20 países sistemicamente vulneráveis às mudanças climáticas e que hoje já congrega 68 nações e 1,7 bilhão de pessoas, cerca de 20% da população do planeta. Ao Jornal do Comércio, ela apontou ações que estão sendo adotadas no V20 e que podem ser úteis também no Brasil.

“Uma abordagem abrangente e multifacetada é proposta para a adaptação a inundações e secas, dada a escala e magnitude do problema. Para o setor agrícola, o cultivo de variedades resistentes à seca, a gestão da saúde do solo que preserve a retenção de água e nutrientes, e os sistemas de irrigação eficientes em água irão melhorar a adaptação e construir resiliência. Além disso, o treinamento e a educação comunitária são vitais, pois a conscientização pública sobre os riscos de inundações e secas e as medidas de adaptação são importantes”, disse.

Para isso, acrescenta, a política e a governança são fundamentais. Segundo ela, a legislação relacionada à proteção dos recursos naturais precisa ser fortalecida e aplicada, uma abordagem integrada para a gestão

dos recursos hídricos precisa ser adotada, assim como esforços abrangentes de mitigação climática.

Fundadora do Financial Futures Center, que apoia os países em desenvolvimento na catalisação de uma transformação econômica para lançar uma década de progresso, com cinco anos de ações aceleradas buscando alcançar a prosperidade climática até 2030, a economista alerta para os efeitos da demora na tomada de decisão para a adoção de medidas de enfrentamento às mudanças no clima.

“Enquanto os desastres atingem de forma rápida e severa, as finanças se movem lentamente, enterradas sob barreiras que punem os vulneráveis com atrasos e dívidas. O custo da inação é muito maior do que o preço do investimento, e ainda assim o mundo hesita. Os gestores econô-



Países do V20 já perderam 20% de seu potencial de crescimento do PIB, diz Sara

micos do V20 sabem muito bem que seus países já perderam 20% de seu potencial de crescimento do PIB devido aos impactos das mudanças climáticas sofridos nas últimas duas

décadas, como as inundações de 2024 no Rio Grande do Sul causadas por chuvas e tempestades intensas. Nosso povo sabe que hesitar nunca é uma estratégia vencedora”, disse.

CLIMA

Plano de reflorestamento é opção para maior oferta de água

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Embora sejam ações importantes para auxiliar na atividade agropecuária, focar em energia e irrigação já não será suficiente para conter o avanço das transformações climáticas que vêm acontecendo no clima pelo mundo todo. Com os mananciais se perdendo, o engenheiro elétrico José Zordan, superintendente da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs), acredita que já foi ultrapassado o limite do gerenciamento da água e sugere a implantação de um projeto amplo de reflorestamento. Afinal, quanto maior a área de florestas - plantadas ou nativas -, maiores serão a disponibilidade hídrica, a evapotranspiração e as chuvas.

Mais do que uma atividade econômica, a expansão das áreas com florestas plantadas pode também ajudar a mitigar o efeito estufa e o aquecimento global. E, pelo potencial de escala, absorver mais moléculas de carbono que qualquer outra.

A atividade, porém, pode gerar também impactos negativos sobre o clima e o meio ambiente. No lado positivo da balança estão a absorção de CO₂ pelas árvores, a proteção do Solo, reduzindo a erosão e melhorar a retenção de água no solo – desde que com manejo adequado –, e a redução da pressão sobre florestas naturais, por exemplo.

Mas plantações homogêneas, chamadas monoculturas, podem empobrecer a fauna e a flora locais. Além disso, espécies como o eucalipto e o pinus, por exemplo, têm alta taxa de evapotranspiração, podendo reduzir a disponibilidade de água em certas regiões. Além disso, o uso de agrotóxicos e fertilizantes pode contaminar solos e corpos d'água, entre outros efeitos negativos.

Por isso, para minimizar os danos, é essencial adotar práticas sustentáveis, como sistemas agroflorestais, certificações ambientais e o manejo responsável da vegetação nativa.

“Na equação de levantamento de emissões e captação de carbono, o setor está sempre positivo”, afirma o empresário Daniel Chies, presidente da Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor).



Expansão das áreas com florestas plantadas pode ajudar a mitigar o efeito estufa e o aquecimento global

Ao analisar as dificuldades extremas enfrentadas pela soja e o milho, por exemplo, Chies pondera que a expansão das fronteiras agrícolas levou a produção desses grãos para áreas diferentes das recomendadas pelos mapeamentos feitos por instituições de pesquisa na década de 1960. À época, diz o empresário, já era de conhecimento da comunidade acadêmica que a Metade Sul do RS teria dificuldades para o desenvolvimento dessas culturas, ao contrário do Alto Uruguai, com melhor condição hídrica.

“Então, desenvolveram-se variedades e materiais genéticos adaptados às condições das áreas com menor oferta de água. Mas ainda assim, incapazes de suportar a falta d'água por muito tempo. Irrigação é solução, mas não única. É preciso planejamento para alcançar resiliência climática e seguir com o cultivo de terminadas lavouras em regiões não recomendadas”.

Com grande capacidade de retenção da água no solo, o segmento de florestas comerciais também sofre menos com estiagens e, ainda que caracterizado pela monocultura, ocupa metade de sua área com a atividade produtiva, conservando

outro tanto. No País, a área ocupada por florestas comerciais ronda a casa dos 9 milhões de hectares, menos da metade dos Estados Unidos. O Rio Grande do Sul tem, conforme dados do Serviço Florestal Brasileiro, cerca de 1,3 milhão de hectares, principalmente com eucalipto e pinus.

O dirigente apoia a ideia de um projeto federativo para incentivar o aumento do plantio, desde que com práticas de manejo sustentável e adoção de medidas para mitigar o impacto negativo da atividade sobre o ambiente. Mas ressalta que esse é um movimento que teria de ser planejado com a sociedade na busca de caminhos para um futuro de menos exposição às secas.

Jornal do Comércio

PUBLICIDADE LEGAL

TEM DATA E LOCAL CERTO PARA SER PUBLICADA

Dê mais **credibilidade** e segurança à publicidade legal da sua empresa no Jornal do Comércio.

O 2º Caderno é publicado diariamente no digital e no impresso. Nosso portal oferece um ambiente confiável para a divulgação de atas, avisos, balanços, comunicados aos acionistas, convocações e editais. Tradição, credibilidade e tecnologia para garantir a segurança das suas publicações.

Escaneie o
QRCode
abaixo e entre
em contato:

